

CERÂMICA INDÍGENA

De arte à sobrevivência

Vera Lucia Fonseca

É possível que as raízes da civilização brasileira estejam contidas nas milhares de peças de cerâmica indígena encontradas por arqueólogos de todo o mundo, que são incansáveis em suas escavações. Todavia, de atividade mística, artística e utilitária, a fabricação de peças de barro está passando à comercialização, onde os verdadeiros artistas são os únicos a lhe desconhecem o valor em moeda. E enquanto sobrevivem como podem, seus intermediários arrebanham os lucros. A história está perdendo o sentido.

Adornamentação, pela sua singular beleza, não é a única razão da subsistência da cerâmica até nossos dias. Essa arte, a que se dedicam artesãos dos diversos Estados brasileiros, faz parte das nossas raízes e é um comprovante autêntico das origens indígenas do povo brasileiro, tão bem manifestadas no extenso arsenal de argila trabalhada tão conhecido em todo o território nacional, principalmente nas cidades, onde se constata maior difusão turística. Essas peças, feitas inicialmente com objetivo de utilitário, existem hoje como documentos históricos palpáveis de nossas origens.

A participação indígena na constituição étnica brasileira está perfeitamente representada em muitas dessas peças artesanais de valor arqueológico indiscutível, e que já se tornaram vício de muitos colecionadores, ou hobby de decoração dos mais variados ambientes. Hoje, adquiridas a preços de fortuna quando bem comercializadas, podem ser encontradas também nas suas regiões de origem, onde os artesãos trabalham apenas pela sobrevivência, e os preços são mais acessíveis, quase insignificantes. Normalmente, esses artistas de cerâmica, desconhecem o valor comercial que essas peças têm alcançado nos grandes centros.

Arqueólogos de todo o mundo tem encontrado em suas escavações, peças de fômites raros, em que baseiam suas teorias acerca da idade e origem das civilizações. Das conclusões de que a nossa cultura arrebanha, devido à fatura de peças encontradas, influências culturais das mais variadas configurações que trazem até a atualidade técnicas rudimentares e significativas. Todas essas peças tinham uma razão lógica de existência, que iam desde a adoração aos mitos sagrados, cultos supersticiosos até a utilização doméstica. Isso justifica as características peculiares a cada lote de peças encontradas, como também as diferentes regiões em que se dão esses achados.

DOCUMENTO

O maior valor documental da cerâmica está certamente na fidelidade verificada em sua confecção, nos formatos e características permanentes através dos tempos. Cada família indígena está traduzida nas peças criadas, totalmente isentas de qualquer influência de técnicas civilizadas, sinal culturalmente clássico da discriminação, da tradição e conservadorismo que caracterizavam as ciências em seus vários períodos cronológicos. Dentre os achados artesanais até agora feitos, os mais comprometedores para a definição cultural brasileira são os resultantes de escavações arqueológicas do final do século dezenove, nas ilhas da foz do Amazonas.

Trata-se de objetos técnicos e artisticamente superiores aos encontrados em outras áreas da mesma região. Não há dados precisos sobre os grupos que ali teriam habitado, todavia, já não se tem mais dúvidas de terem-se de tribos pré-colombianas que irradiaram suas influências por toda a região da grande Amazônia. Supõem os arqueólogos que essas culturas tenham aparecido no ano 1.100 antes de Cristo, sob a denominação de marajoaras, oriunda dos Incas. Essas tribos se estabeleceram na ilha do Marajo cerca de quatrocentos anos antes da vinda de Colombo à América, a ali deixaram, em sua cerâmica, sinais vivos de suas origens, principalmente seus restos mortais lacrados em gigantescas urnas de cerâmica. Segundo o Professor de Etnografia da Universidade do Pará, Igor Achatkin, atualmente em Goiânia, a maior prova de

descendência Inca na cerâmica Marajoara é a imagem do seu deus encontrado em todas as peças. Não ficou desses habitantes, nenhum outro sinal na ilha de Marajo. Assim como se estabeleceram eles desapareceram, sem nenhuma descendência que os denunciasse à história", esclareceu Igor. Ele afirmou também, que nenhum dos caboclos marajoas podem se intitular seus descendentes, até que se prove o contrário através de estudos, pois sua única herança comprovada é a cerâmica.

FUNCOES

Há quem acredite que a cerâmica nasceu na Idade da Pedra, no dia em que alguém, tendo pisado no barro, observou que seus pés haviam ficado impressos. No chão, e que ao endurecer esse barro, tornava-se definitivo a forma casualmente gravada. Talvez daí tenha partido a ideia de se dar outras formas ao barro. Certo ou não, a verdade é que o espírito observador e a curiosidade do homem se pronunciaram desde cedo, quando sua inteligência lhe permitiu perceber formas. E as primeiras formas impressas foram, de acordo com os achados arqueológicos, as relacionadas com sua vida comum, de relação, os animais, os utensílios etc. Por intermédio dessas reproduções em barro os arqueólogos têm remontado a história da humanidade.

Das primeiras observações aliadas à curiosidade natural o homem chegou ao que hoje se denomina arte popular, ou seja, suas manifestações traduzem sua cultura, seus hábitos e costumes, cujas características em muito se identificam com os trabalhos primitivos das primeiras tribos. A tradição artesanal remonta toda uma história, conservando intenções ligadas a três funções principais, que são: religiosas (imagens), lúdicas (brinquedos) e utilitárias (vasilhames). As alterações físicas que se observam nesses trabalhos ao compará-los, sem dúvida se deve às mudanças de culturas que a civilização proporciona. Está claro que mudando os costumes, obviamente também mudaram as fontes de inspiração.

Mas nem por isso, o artesão do barro sofre mudanças em seus objetivos, exceto o artesão industrializado, cuja intenção é de comércio. Nas cerâmicas indígenas não se observam ainda as nuances da industrialização, apesar de não ser mais segredo, a introdução de agências governamentais no ciclo de produção artesanal, sob o signo de melhorar as condições de vida do artesão. Para os que não sabem, o verdadeiro artista do barro vive miseravelmente, ignorante do valor que se dá comercialmente ao fruto do seu trabalho. O lucro fica para os atravessadores, que se encarregam de levar o artesanato ao mercado e comercializá-lo com habilidade.

CARATER INDIVIDUAL

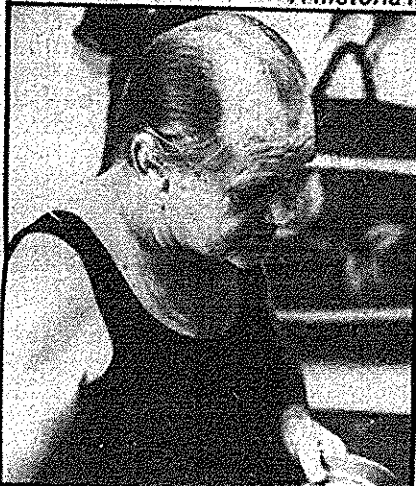
Cada família indígena traz em seu artesanato características próprias que denunciam ideologias, culturas e técnicas diferentes. Nas tribos, o trabalho artesanal é reservado às mulheres, apesar dos homens terem conhecimento dos métodos de confecção. Em algumas tribos, as peças artesanais se revestem do caráter religioso e místico cultuados pelos seus membros, mas nem todas as tribos brasileiras cultivam a arte do barro. Entre as que não se dedicam a essa arte, cita-se os Kalapós, os Timbiris e os Kalabys. Em contrapartida, entre os praticantes dessa arte, destacam-se os Parakanãs, os Kadiweus, os Karajás, os Waurás, os Jurunas, os Trumals, os Mehinakos e os Kalapafos.

KADIWEU

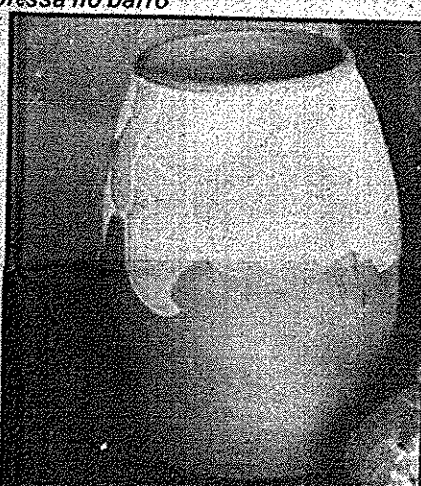
A cerâmica dos índios Kadiweu destaca-se pela perfeição e originalidade de seu feito. Descendentes diretos dos Guaicurús, habitam o sul do pantanal matogrossense, e se dedicam também à confecção de cestas, tecelagem, tearos, rusticos, redes, cintas, esteiras e bolsas, mas é na cerâmica que exprimem toda sua tradição cultural. Considerada a mais perfeita entre as cerâmicas das tribos brasileiras, suas peças são produzidas ao ar livre pelas mulheres da tribo. A impressão dos desenhos é feita com um cordão de caraguatã, pressionado sobre a peça com o dedo indicador. As cores predominantes de sua cerâmica são o amarelo-avermelhado nas partes não trabalhadas, o branco, o vermelho, os vernizes negro-brilhantes do pau santo ou o amarelo vítreo do angico.



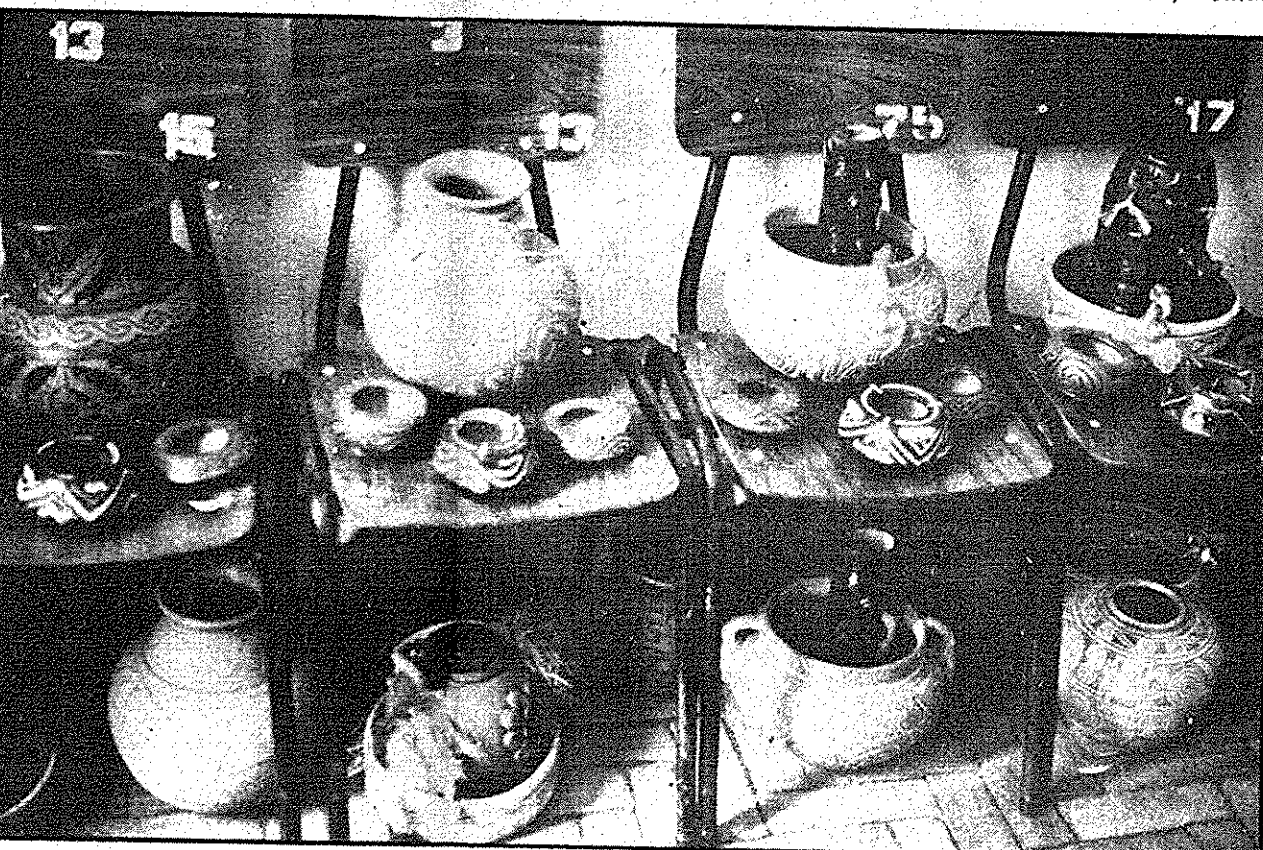
A história impressa no barro



Igor Achatkin: a única herança Marajoara é a cerâmica



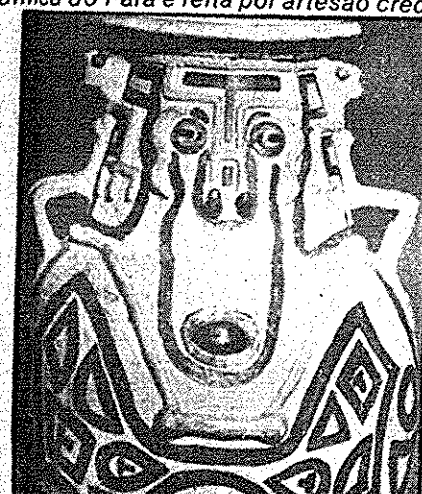
Cada tribo tem sua técnica e característica própria



Toda cerâmica do Pará é feita por artesão credenciado



PAULO JOSÉ



Urnas funerárias indígenas, algumas encontradas com ossadas

PARAKANA

Os Parakanã, descendentes dos Tupis, confeccionam uma cerâmica que se caracteriza pela delicadeza. Seu colorido se limita a pontos negros muito artísticos, que é o objetivo do seu trabalho, sendo pouca a utilização de suas peças para fins de utilidade. A excessão se dá à fabricação de cinco tipos de panelas feitas exclusivamente para guardar farinha torrada, cozimento de carnes, guardar mel, fazer mingau de milho ou de mandioca, e as panelas destinadas a guardar pedaços de jabuti ou gordura de anta. Para a pintura utilizam o leite de mogno, muito comum no Estado de Goiás. Os Parakanãs habitam o norte do Pará.

KARAJA

Característica fundamental da cerâmica dos Karajás é a desproporção anômica de seus bonecos. De configuração considerada pobre por alguns críticos, sua arte não pode em nenhum momento ser classificada inexpressiva. Sua cerâmica é muito específica como também sua habilidade artística, que confere aos bonecos de barro um acabamento esmerado. O que não se conseguiu justificar tecnicamente, foi a desproporção entre os membros superiores e inferiores, bem como da cabeça dos bonecos em relação ao corpo. Todavia não se pode negar a beleza de suas peças, dotadas de um colorido especial, e de muita originalidade.

configuração considerada pobre por alguns críticos, sua arte não pode em nenhum momento ser classificada inexpressiva. Sua cerâmica é muito específica como também sua habilidade artística, que confere aos bonecos de barro um acabamento esmerado. O que não se conseguiu justificar tecnicamente, foi a desproporção entre os membros superiores e inferiores, bem como da cabeça dos bonecos em relação ao corpo. Todavia não se pode negar a beleza de suas peças, dotadas de um colorido especial, e de muita originalidade.

XINGU

Os silvícolas da região do Xingu produzem uma cerâmica familiar em estilo, como se se influenciassem entre si. De valor econômico incontestável na região da Ilha do Bananal, seu valor maior é mesmo o cultural. A família do Xingu compreende as tribos Kalapalo, Juruna, Trumal, Mehinako e Waurá. Existe uma complexidade no processo de fabricação de suas peças, que vai desde a aquisição da matéria-prima até o acabamento final das peças. Os instrumentos utilizados são conchas de moluscos, folhas,

pedaços de cabaças e colítes, e seixos rolados. Suas cores predominantes, o vermelho e o preto, são resultado da maceração de plantas que produzem a tinta preta, e do urucu, com o qual fabricam tinta vermelha; mesmo a terra vermelha dos formigueiros são por eles aproveitadas na coloração das peças.

TAPAJÓ

Na cidade paraense de Santarém existe um museu particular, de propriedade do advogado Ubirajara Bentes de Souza, onde podem ser apreciadas 28 mil peças de cerâmica Tapajó. Atribui-se a esses índios a habitação primitiva da região hoje ocupada pela cidade de Santarém, cujo povo conserva estatura própria. Considerado por muitos estudiosos um dos maiores acervos de cerâmica do mundo, há quem considere também essa cultura Tapajó, como mais importante que a Marajoara, e uma das mais importantes do Brasil pré-colônia. Essas peças foram encontradas em escavações feitas nas próprias ruas da cidade.

Ubirajara acredita que os Tapajós sejam da família dos Malas, devido à semelhança de suas cerâmicas. Entre as peças estão urnas funerárias (algumas com ossadas), vasos de carilades, de gargalo, globulares, estilizados e pintados, pratos com adornos, ídolos, cachimbos, machados, peças de arte em geral, além de amuletos dos famosos muiraquitãs. Um detalhe curioso, é observado numa série de estatuetas de índios onde as imagens apresentam as duas mãos nos olhos, nos ombros, sobre o queixo ou nos joelhos, como num ritual ou alguma linguagem não decifrada pelos estudiosos que lá estiveram.

MARAJÓARA

Da cerâmica Marajoara, existem conclusões científicas de que houve três estágios de sua civilização na ilha do Marajo, a partir das camadas em que foram encontradas. O primeiro apresenta cerâmica com marcas de brasa de cor amarelo ou cinza, cujos desenhos (padronizados) foram feitos com bicos de penas de passaros, e o cozimento em caldeiras. No segundo estágio, as peças, de cor escura, tem desenhos mais estilizados e rebuçados, onde o instrumento utilizado foi o espinho de Turul (espécie de palmeira), seu cozimento já foi feito em fornos, ainda que primitivos. Já no terceiro e último estágio, a cerâmica é mais visual, de cor avermelhada, e as escarificações feitas com estiletes, tendo os Marajoaras já utilizado o auxílio de rodas de oleiros, e a cerâmica cozida em fornos feitos especialmente para esse fim. De acordo com o Professor Igor Achatkin, neste último estágio denuncia-se claramente a decadência dessa civilização.

ASSURINI

Uma raça quase em extinção, os Assurini, da região do Xingu, possui uma cerâmica "de valor arbitrário", segundo a antropóloga Regina Muller, que relaciona a arte gráfica indígena à sua comunicação visual com o universo que o cerca. Seus desenhos são ricos em significados, e as cores das peças estão relacionadas com as usadas nas suas cerâmicas e com o seu mundo; de onde retiram os maiores subsídios para sua produção.

INTERFERENCIAS

Essa atividade, para a qual não se faz necessário o uso de máquinas, e para a qual o instrumento fundamental é a mão humana, teve finalidades unicamente culturais, utilitárias e místicas nos seus primórdios. Atualmente já existe muita interferência nas atividades indígenas, no sentido de se comercializar sua arte. Mesmo os órgãos oficiais já mantêm um certo controle, através de associações, cooperativas e outras organizações desse gênero, que nada mais são que espécies de limites a uma atividade de valor histórico. O silvícola já não conta mais suas histórias através da cerâmica, ou se o faz, não é propriamente sua história pura que está narrando. A participação do elemento indígena, com seu fascínio falso, já se faz sentir em muitos desses trabalhos.

Uma arte, que constitui vasto acervo de nossa evolução cultural, passou a ser, nos últimos vinte anos, o alvo dos intermediários, que catalizam o trabalho artístico desses artistas do barro, anulando-lhes o direito de participar dos lucros que são seus naturalmente. Em muitos casos, os silvícolas passaram de autores a sobreviventes de um tempo em que contavam a história.